

Algumas considerações sobre
**“FEMINISMO EM COMUM:
PARA TODAS, TODES E TODOS”**



Submissão: 16/09/2019
Aprovação: 05/12/2019

O livro *Feminismo em comum: para todas, todes e todos*, de Marcia Tiburi, tem como objetivo contribuir com o debate de gênero, a partir de uma reflexão teórica comprometida com um projeto de sociedade e de Estado democrático. Desse modo, apresenta a relevância do feminismo, enquanto movimento político capaz de conduzir uma leitura crítica da realidade, como um possível caminho para a promoção da equidade. Como a autora afirma, “O feminismo está aí para ajudar as pessoas a se perguntarem sobre os jogos de poder envolvidos em sua própria vida” (TIBURI, 2018, p. 29).

Márcia Tiburi é Doutora em filosofia, professora universitária, artista plástica e colunista da revista *Cult*. Com uma linguagem didática, analisa, neste livro, as desigualdades de gênero e assinala a importância da produção de novas práticas de resistência, a fim de “retirar o feminismo da seara das polêmicas infundáveis e enfrentá-lo como potência transformadora” (TIBURI, 2018, p. 8).

Na introdução, Tiburi menciona que no título utiliza a letra “e” para identificar o gênero não binário, “de modo a não criar barreiras para a acessibilidade do conteúdo por deficientes visuais” (TIBURI, 2018, p. 11). Os 17 capítulos são apresentados de forma objetiva e procuram refletir sobre questões centrais do feminismo, enquanto instrumento de um processo mais amplo de emancipação social. Nesse sentido afirma:

Todas porque quem leva essa luta adiante são as mulheres. Todes porque o feminismo liberou as pessoas de se identificarem somente como mulheres

¹ Especialista em Saúde Pública com Ênfase em Saúde da Família pela Faculdade do Vale do Jaguaribe (FVJ). Graduada em Serviço Social pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9867155332294471>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2291-041>. E-mail: macianafreitas@hotmail.com.

ou homens e abriu espaço para outras expressões de gênero – e de sexualidade – e isso veio interferir no todo da vida. Todos porque luta por certa ideia de humanidade (que não é um humanismo, pois o humanismo também pode ser um operador ideológico que privilegia o homem em detrimento das mulheres, dos outros gêneros e, até mesmo, das outras espécies) e, por isso mesmo, considera que aquelas pessoas definidas como homens também devem ser incluídas em um processo realmente democrático (TIBURI, 2018, p. 11-12).

Tiburi argumenta que esse contexto de desigualdades é resultado do modelo patriarcal que, através da mídia, sustenta restrições fundadas no senso comum, bem como da atuação do Estado que, historicamente, tem produzido poucas ações efetivas. Desse modo, a autora apresenta a importância de uma visão crítica sobre o sistema de garantias e o funcionamento das instituições. Por isso, ressalta a respeito da luta feminista: “A utopia feminista fala de um outro mundo possível, em que ser mulher não significa ser destinatário de todo tipo de violência. Não devemos negligenciar que, no patriarcado o destino das mulheres é a violência” (TIBURI, 2018, p. 32).

A partir desses entendimentos, Tiburi indica que o patriarcado é um sistema constituído por relações de poder “[...] de muita violência simbólica e física, de muito sofrimento e culpa administrados por pessoas que têm o interesse básico de manter seus privilégios” (TIBURI, 2018, p. 40). Nessa perspectiva, ressalta que o feminismo, enquanto movimento, possibilita a afirmação de uma luta comum, de ação crítica-libertária e recusa às mais variadas formas de inferiorização.

Para Tiburi, a categoria gênero frente ao contexto atual tem sido utilizada fora do contexto adequado, pois “todo autoritarismo tem sua episteme, as palavras que são manipuladas” (TIBURI, 2018, p. 75). Desse modo, o processo de participação política, bem como o conhecimento crítico são essenciais para que mudanças substanciais possam ser vistas na dinâmica social. Sob essa perspectiva, o feminismo tem uma importante função política a ser desempenhada neste contexto de resistência democrática. Por isso conclui que:

Não há nada mais importante na vida do que aprender a pensar, e não se aprende a pensar sem aprender a perguntar pelas condições e pelos contextos nos quais estão situados os nossos objetos de análise e de interesse. A crítica não é necessariamente a destruição daquilo que se quer conhecer. Ela pode ser uma desmontagem organizada que permite a reconstrução do objeto anteriormente desmontado. Ela pode ser também

uma atenção especial que damos às coisas e ao nosso próprio modo de pensar, que vem melhorar o nosso olhar. Toda forma de crítica, desde que seja honesta, é válida, mas considero que nesse último sentido, como atenção cuidadosa, é possível seguir aproveitando ao máximo as potências do pensamento que visa à transformação do mundo ao qual o feminismo, como ética-política, necessariamente se liga (TIBURI, 2018, p. 10).

Quanto à produção de conhecimento, Tiburi (2018) menciona que “os homens produziram discursos, apagaram os textos das mulheres e se tornaram os donos do saber e das leis, inclusive sobre elas” (TIBURI, 2018, p. 48). Dessa maneira, apesar das mudanças em curso na sociedade, ainda há um longo caminho para a efetiva participação das mulheres nos espaços de poder e no campo científico. Em face disso, Tiburi propõe uma reflexão acerca da falta de prioridade pelas agências estatais, para efetivação de políticas públicas tendo como objetivo a igualdade de gênero.

Dando continuidade ao debate, Tiburi afirma a necessidade de o feminismo “sempre ser pensado de modo analítico, crítico e autocrítico” (Tiburi, 2018 p.09), com vistas à mudanças nas relações de poder. A autora também apresenta que, mesmo em uma democracia, há espaço para visões deterministas que sustentam formas de controle social e político contra as liberdades, portanto o feminismo se faz indispensável para a proteção e ampliação dos direitos.

É verdade que, em um contexto democrático, pressupõe-se que todos podem falar. No entanto, os caminhos da fala, bem como os da produção de discursos e os meios de comunicação, pertencem as elites econômicas, que vivem no contexto dos privilégios de raça, gênero, sexualidade, plasticidade, idade e classe social. Fora do sistema de privilégios a expressão é contida, ela é econômica e politicamente administrada (TIBURI, 2018, p. 57).

Neste processo, Tiburi assinala que o patriarcado atua no sentido de silenciar os discursos e opressão vivida pelas mulheres, por isso, o feminismo é relevante para criar possibilidades, pois ainda temos que afirmar que os papéis que nos são impostos são absolutamente questionáveis. Para a autora, o movimento feminista nos permite compreender as relações desiguais de poder:

[...] o feminismo nos dá uma biografia. Ele é a narrativa de si, auto avaliação crítica e autocrítica das mulheres. A narrativa daquelas pessoas que não tiveram narrativa, que não tiveram direito de uma história. Por meio dessa história que vem sendo construída e que tem um longo caminho pela frente, o feminismo nos dá a chance de nos devolver ao nosso tempo, aos nossos pensamentos, ao nosso corpo (TIBURI, 2018, p. 103).

Portanto, na visão de Tiburi (2018) compreender as características do nosso contexto sócio histórico é de enorme importância analítica para a construção de ações com vistas à cidadania. Nesse contexto, o feminismo se constitui enquanto movimento que luta por uma sociedade mais justa e igualitária para todas, todes e todos. Assim, é um caminho interessante e ético, e cabe a nós, enquanto sociedade, fortalecê-lo. “O feminismo é o campo teórico e prático que pode construir uma política com outros referenciais: a natureza, o corpo, o cuidado, a presença, a vida digna.” (TIBURI, 2018, p. 124).

REFERÊNCIA

TIBURI, M. **Feminismo em comum**: para todas, todes e todos. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018. 126 p.